

Sumário

Prefácio 7

Introdução e agradecimentos 11

PARTE I • A adolescência hoje _____

1. Adolescências e experimentações possíveis 15

TERESA CRISTINA CARRETEIRO

2. Competência cultural: um aspecto da clínica 25

HELOISA JUNQUEIRA FLEURY

MARIA CECILIA OROZCO LOPEZ

3. Por uma clínica do social e da identidade contra a “ninguenedade” 37

FRANCISCO CATUNDA MARTINS

PARTE II • A clínica da adolescência _____

4. A clínica do adolescente: recursos para a jornada exploratória 51

FLÁVIO LÔBO GUIMARÃES

LUCIANA MONTEIRO PESSINA

5. A escola como contexto complementar à clínica da adolescência 65

SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA

MARIA FÁTIMA OLIVIER SUDBRACK

6. A clínica do adolescente em meio fechado: olhares sobre o contexto 87

MARIA INÊS GANDOLFO CONCEIÇÃO

7. A clínica do adolescente em medida socioeducativa de semiliberdade 105

MARIA APARECIDA PENSO

MARIA EVELINE CASCARDO RAMOS

MARISTELA MUNIZ GUSMÃO

8. A socialização de adolescentes em bairros populares e o papel da ação pública na França 119

JOËLLE BORDET

9. Dinâmica familiar e trabalho do adolescente em conflito com a lei 129

OLGA MARIA PIMENTEL JACOBINA

LIANA FORTUNATO COSTA

PARTE III • A clínica da família

10. A violência como padrão de comunicação familiar 149

MARIA EVELINE CASCARDO RAMOS

11. Aspectos socioeducativos da clínica de família 165

MARLENE MAGNABOSCO MARRA

12. Dinâmica familiar e envolvimento em atos infracionais e com drogas na adolescência 183

MARIA APARECIDA PENSO

MARIA FÁTIMA OLIVIER SUDBRACK

13. A dimensão clínica das intervenções psicossociais com adolescentes e famílias 201

LIANA FORTUNATO COSTA

MARIA APARECIDA PENSO

14. Reflexões éticas sobre a clínica da família 215

ILENO IZÍDIO DA COSTA

15. A terapia de família em múltiplos contextos sociais: um enfoque sociodramático 227

MARIA AMALIA FALLER VITALE

Prefácio

SINTO-ME HONRADA em fazer o prefácio deste livro organizado pelas colegas e amigas Liana Fortunato Costa e Marlene Magnabosco Marra. Já de início, considero importante destacar que elas conseguiram, com sabedoria, reunir profissionais que contribuem com o entendimento dos fatos existenciais do adolescente.

Esta obra é fruto de uma produtiva colaboração que amplia o paradigma de compreensão de como se dá o sofrimento do adolescente dos dias atuais. Por intermédio de experiências clínicas, os autores evidenciam a adolescência como uma categoria histórica e cultural, construída em uma sociedade que fecha as portas aos jovens – impedindo-os, muitas vezes, de ter esperanças e de perseguir seus sonhos, vitais na existência de cada um deles.

Sabemos que a adolescência constitui um período crítico na sociedade ocidental. Contudo, não podemos explicá-la como um período natural do desenvolvimento humano. Não obstante se reconheça o significado das mudanças corporais e sua importância na construção da identidade do sujeito, a adolescência não compreende uma categoria homogênea, na medida em que não há uma uniformidade de condições de vida e educação.

Ao reagir às demandas sociais cujos paradigmas de existência apelam para uma rede de exigências (forma de se vestir, de cultivar o corpo, de se relacionar... e de pensar), o adolescente da atualidade vê-se desafiado, e sua família também.

O presente livro possibilita enveredar pelos caminhos do conhecimento, mostrando o papel da família e das instituições – lócus de pertencimento em que se desvelam padrões de interação e de aprendizagem.

O tempo da passagem da adolescência não transcorre de forma tranquila, pois o desejo de conquistas coloca o jovem diante de um mundo de incertezas. A depender de sua subjetividade, ele vive experiências marcadas por acontecimentos traumáticos, violentos, permeados de perdas, contrariando o desejo pautado na ideia de nada perder e tudo ganhar. A curiosidade tão característica do adolescente, o idealismo e a contestação presente e contínua, associados à falta de definição de papéis, ausência de amparo e referências, podem levá-lo a condutas de risco.

Destarte, é um privilégio “ouvir” pessoas cujas experiências acadêmicas e profissionais sustentam um profícuo debate sobre a adolescência. Esta, por sua vez, deve ser vista não apenas como um período de crises, capaz de sucumbir e anular as esperanças de transformação – embora o sofrimento, a angústia, o desamparo que têm lugar na vida dos adolescentes e de suas famílias possam comprometer o desejo de viver numa sociedade em que a revolta não é apenas expressão de rejeição à autoridade.

Assim, num cenário em que o adolescente sofre a ausência de boas referências, ele vê o enfraquecimento de figuras que poderiam ajudá-lo a transformar a agressividade e a encontrar sentido para tantas mudanças.

Não sem razão, as organizadoras do livro colocam afeto no que fazem, acreditando que a adolescência, verdadeiramente, constitui a fase de maiores ganhos. Contudo, em face da precariedade das relações entre o sujeito adolescente e seus contextos de referência, o jovem poderá viver experiências transformadas em perdas irreversíveis.

A título de organização, o livro se compõe de três partes. Na primeira, o enfoque recai na temática da adolescência na contemporaneidade. A segunda, contendo trabalhos de grande im-

portância, enfoca a clínica da adolescência. Na terceira parte aparecem os artigos que contemplam a clínica da família.

A diversidade de experiências que orienta esta coletânea traz significativas reflexões teóricas, todas enriquecidas pelos relatos de casos.

Cada texto apresentado ajuda a reacender nossas crenças de que, com conhecimento, esforço e dedicação poderemos minimizar o lado negativo da existência do adolescente, expresso por meio da violência, do abandono, da discriminação.

Considero oportuno destacar a contribuição dos autores ao trazerem à baila questões tão pertinentes como as que se propuseram debater. Fica evidente que, para eles, muito ainda se pode fazer. Acreditam, com razão, que a esperança se encontra depositada em cada um que compõe a rede de apoio/suporte do adolescente: a família e os espaços de cuidado, onde aprendem a cultivar e a desenvolver vínculos com profissionais competentes e sensíveis.

CÉLIA MARIA FERREIRA DA SILVA TEIXEIRA
Psicóloga, psicodramatista e coordenadora do Programa
de Estudos e Prevenção ao Suicídio e Atendimento a Pacientes
com Tentativa de Suicídio (Pats) da Faculdade de
Medicina/Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás

Introdução e agradecimentos

ESTE LIVRO NASCEU DO CORAÇÃO, do afeto e da nossa admiração pela competência e pelas realizações de todos os autores. Foi gestado na amizade e no companheirismo de suas organizadoras.

Somos todos colegas, amigos e atores persistentes de ações que envolvem adolescentes e famílias. Alguns de nós estamos nos entremeios da pesquisa; outros, na linha de frente de batalha nos consultórios e ambulatórios. Outros, ainda na mediação, lidando com políticas públicas de um país que corre bastante, mas ainda está muito distante da chegada.

Procuramos reunir perspectivas do trabalho com o adolescente e com a família que centram visões e dimensões mediadoras de um atendimento clínico mais clássico, com o atendimento psicossocial mais provável de acontecer em nossa realidade socioeconômica atual. Sabemos que hoje a maioria dos adolescentes que procura atendimento encontra profissionais que executam ações que fogem um pouco do escopo clínico bem delineado. São muitas as facetas do contexto clínico com esses sujeitos, e cada vez mais essa clínica necessária precisa se tornar possível.

Se voltarmos o pensamento para a realidade brasileira, perceberemos que não podemos ter a pretensão de igualar as ações clínicas para todas as famílias sem diferenciar seus aspectos culturais, socioeconômicos, raciais e étnicos.

Queremos agradecer aos profissionais que participam deste livro por sua disponibilidade de compartilhar seus saberes e compe-

tências. Ao aceitar o convite para colocar no papel sua experiência, eles se tornaram mestres daqueles que, esperamos, possam ler esta coletânea.

Agradecemos a você, leitor, que confia em discutir conosco as ideias aqui apresentadas e assim nos ajuda a ampliar e divulgar os conceitos e as ações que temos empreendido com adolescentes e famílias.

MARLENE MAGNABOSCO MARRA e LIANA FORTUNATO COSTA

PARTE I

A adolescência hoje

1. Adolescências e experimentações possíveis

TERESA CRISTINA CARRETEIRO

AO LONGO DESTA TEXTO pretende-se estabelecer uma articulação entre a fase denominada adolescência e os modos atuais de representá-la, tecendo relações com diversos contextos sociais. Na segunda parte, o propósito é discutir perspectivas de clínica ampliada com adolescentes de sexo masculino, apostando que podemos influenciar suas trajetórias se conseguirmos ser sensíveis a seus aspectos psíquicos e sociais.

A adolescência, na nossa cultura, compõe a transição entre a infância e a vida adulta e é marcada por muitas mudanças. Trata-se do ciclo da vida que recebe mais destaque na contemporaneidade. Pode ser considerada o início da juventude e, portanto, é objeto de muitas expectativas e projeções de pessoas, de grupos e da sociedade como um todo. Os adolescentes representam a possibilidade de transformações do mundo futuro e são vistos como aqueles que podem gozar de toda a magia que a ideia de juventude encerra. Nessa perspectiva idealizada, eles representam aquilo que é cultuado por toda a sociedade e reforçado pelo *marketing* construído em torno do símbolo jovem. A juventude aparece como sinônimo de vida, de saúde (financeira, física), enfim, de simbolizações que concentram as possibilidades de viver bem e de encontrar realizações nos mais diferentes campos existenciais.

Do ponto de vista psicosssexual, na puberdade, começam a surgir modificações intensas no corpo com repercussões fortes na vida do jovem. Ele passa a se dar conta de que as transforma-

ções lhe fogem do controle. O corpo geralmente ocupa o centro de suas preocupações e torna-se cada vez mais sexuado. Há necessidade de encontrar outras formas de intimidade. Aparecem também expressões de pudor, de vergonha ou de exibicionismo. Ocorrem mudanças no modo de sentir, de vivenciar as emoções e os sentimentos, de se ver diante do mundo. Se até então o corpo e o “sentimento de si” formavam uma unidade, nesse período, eles se distanciam. “Na puberdade o sujeito e ‘si próprio’ não encontrarão mais a unidade perdida da infância” (Jeammet, 2008, p. 23). Existe uma espécie de traição do corpo, que sempre escapa, tornando-se, por vezes, estranho ao adolescente. É preciso que ele o reaproprie, devido às grandes mudanças que vive. Há muitos questionamentos, os quais transbordam para diferentes contextos. Os jovens interrogam a relação com os pais, os responsáveis e outras figuras significativas ou de poder. A relação com o mundo externo, em síntese, é submetida a críticas.

ADOLESCÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES

O ADOLESCENTE vai fazer diferentes experimentações para procurar maneiras de apropriar-se de si e, conseqüentemente, de seu corpo. É por meio delas que ele paulatinamente percebe do que é capaz, diferenciando-se das figuras de identificação (parentais e outras) que até então tinham grande peso em sua vida. Começa a encontrar outros limites, sempre provisórios.

Nessa etapa, para se destacar e ter posições consideradas próprias, ele pode afirmar diversas posturas: de timidez, de interrogação permanente, de zoação. Nesta última, não se expõe, caçoa e põe em destaque o outro. A experimentação conta com aspectos muito criativos e, às vezes, também perigosos. Podem surgir desafios heroicos no ímpeto de afirmar a diferença.

Os modos de ser adolescente e de viver essa etapa da vida têm estreita relação com os contextos familiares, sociais e culturais.

Essa fase deve ser sempre considerada em sua multiplicidade, por isto, sugerimos designá-la no plural, *adolescências*¹. Desse universo queremos destacar, neste texto, questões sociais nos referindo a duas categorias urbanas brasileiras, mais especificamente no Rio de Janeiro, segundo as referências de Robert Castel (1995) ao conceber os apoios recebidos nos diversos contextos sociais. O autor trabalha com dois tipos de indivíduos hipotéticos: os “por excesso” e os “por falta”. Os primeiros integram uma teia de pertencimento social positivo que lhes permite ter suficientes suportes em diferentes dimensões institucionais (educação, saúde, família, cultura, entre outras). Esse conjunto de suportes vai lhes garantir a não dependência, favorecendo a construção de posições autônomas. Os segundos, os “indivíduos por falta”, têm uma inserção social que, ao contrário, não lhes garante posições autônomas, mas de dependência; são marcados por uma ausência de pertencimento institucional positivo.

As pessoas precisam realçar pertencimentos sociais, pouco valorizados, para alcançar direitos – ou mesmo favores, se pensarmos no caso brasileiro (Carreteiro, 2001). É notório, nesse sentido, que a posição econômica das famílias lhes permite beneficiar de auxílios sociais, como bolsa família, bolsa escola, ou seja, da maioria dos programas sociais vigentes no Brasil na última década. A inscrição social oriunda de uma posição “por falta” deixa marcas psíquicas em todos que dela participam.

A fragilidade dos suportes sociais para os jovens desses estratos se faz notar em várias dimensões institucionais. Se são ainda pré-adolescentes, encontram nos estudos um dos únicos modos de almejar, por meio de um apoio institucional, um futuro. A escola veicula a ideia de que o estudo oferecerá futura-

1. Joelle Bordet (2007) faz uma distinção entre adolescência e juventude. A primeira nas sociedades ocidentais contemporâneas integra o que se denomina ciclo de vida, a segunda categoria é sociopolítica. No que concerne à ideia de adolescências, ver o importante estudo de sobre *Juventudes e sexualidade* (Garcia Castro, Abramovay e Silva, 2004).

mente oportunidades de inserção². No entanto, essa imagem não tem mais a força que possuía anteriormente. O estudo é acompanhado de representações, muitas vezes, pouco afirmativas, quando não negativas, em certos contextos socioespaciais. Muitos agentes escolares duvidam do poder de integração da escola e implicitamente transmitem essa ideia aos alunos. Nesses casos o ensino é transmitido com pouco investimento. Outras instituições, como de saúde, habitacionais, também são vistas de modo pouco positivo pelos jovens, ampliando o sentimento de desamparo.

Aqui o sofrimento de origem social se faz sentir, apesar de haver modos diferentes de vivenciá-lo. Interessa-nos retornar à questão do adolescente. A emergência do corpo, nesse período, o faz objeto de grande investimento subjetivo. Há jovens que contam com diferentes suportes sociais, ou para investir em seu corpo, ou para criar investimentos paralelos. Para outros, o corpo se desdobra em seu próprio suporte subjetivo. É nesse contexto que, para muitos adolescentes do sexo masculino, o corpo passa a ser um capital (Carreteiro e Ude, 2007), configurando-se como símbolo privilegiado de distinção. Mostrar-se forte, destemido, são modos simbólicos de se experimentar. A sensualidade explode em “sujeitos-corpos”, que precisam se construir como viris.

A virilidade pode trazer consigo o desejo de demonstrar a força física e fazê-la ser reconhecida por outros. As condições sociais aqui têm grande impacto. As instituições comerciais ilícitas, tais como tráfico de drogas, podem seduzir os jovens, por motivos diversos. Representa uma oportunidade de novas experiências e de

2. Quando são já adolescentes e têm mais de 16 anos, idade em que legalmente poderiam ter um trabalho, encontram poucos amparos sociais para conseguir uma inserção. Reconhecemos, atualmente, a existência de políticas e programas sociais com essa finalidade, mas ainda sem a abrangência e a necessária continuidade para se inscrever de modo afirmativo na vida de certos jovens, aqueles que têm percursos sociais marcados por grandes desfiliações. Muitos adolescentes participam de programas, entusiasmam-se ao fazê-lo pelas transformações que eles criam durante certo tempo em suas vidas, mas perdem o interesse quando se dão conta de que a inserção almejada não vai ocorrer.